

O TERREMOTO NO HAITI: 17 horas – do pesadelo à alegria

Esta versão do artigo foi corrigida na página 38, conforme errata publicada na *Revista Marítima Brasileira*, v. 144, n. 01/03, janeiro/março 2024.

ALEXANDRE LUIZ ALVES DA SILVA*
Capitão de Mar e Guerra (FN)

SUMÁRIO

Uma caixinha de surpresas
O ano era 2009
A partida
Chegamos a Porto Príncipe
Um pesadelo jamais imaginado
É terremoto!
Saímos do Brabat
Sede da ONU
A surpresa
Partindo para a sede logística da ONU
Notícias terríveis
Missão cumprida
Descansar jamais!

UMA CAIXINHA DE SURPRESAS

Da história que passo a contar, poucas pessoas, até este momento, tinham conhecimento. Decidi fazê-lo, após 14 anos, porque foi um dos capítulos mais incríveis que vivi em minha vida, e

deixá-la registrada talvez provoque, nas pessoas que a lerem, uma reflexão sobre suas próprias vidas e as oportunidades que nos são dadas. Acredito que aqueles que tiveram experiência semelhante refletirão sobre o quanto devemos ser gratos por estarmos vivos, até porque a vida é uma

* Doutor e mestre em Ciências Navais. Professor e pesquisador convidado pela Escuela Superior de Guerra General Rafael Reyes Prieto, Colômbia, período 2022-2024. Foi desdobrado no Haiti por três vezes (2008, 2010 e 2016). Comandou o 1º Batalhão de Operações Ribeirinhas e a Tropa de Desembarque.

caixinha de surpresas e jamais imaginei vivenciar algo tão terrível, mas que, ao mesmo tempo, tenha proporcionado a mim tamanha alegria e conhecimento sobre minha própria vida.

Não tenho dúvida que devo sempre agradecer pela oportunidade que tive e pela graça recebida, graça esta que outros irmãos não tiveram. Aos que vivenciaram um momento tão difícil e aos que não retornaram ao nosso Brasil, dedico estas memórias.

O ANO ERA 2009

As expectativas para o ano de 2009 eram de uma adaptação completa a uma nova situação que se apresentava: o nascimento do meu primeiro filho, em fevereiro. Naquele ano eu estava trabalhando na Escola Naval (EN)¹ como comandante de um dos batalhões de aspirantes, honroso cargo para o qual fui designado após retornar do Haiti, em julho de 2008, quando integrei o 8º Contingente. Recebi orientação, na minha chegada à EN, de que seria mantido na função até 2010, quando, por questão de cursos obrigatórios de carreira, seria transferido para outra unidade da Marinha. No entanto tudo mudaria a partir de julho, quando recebi felicitações de um outro oficial por ter sido designado para compor o 12º Contingente. Comentei que não era possível, que não havia sido voluntário e que tinha retornado recentemente. É óbvio que o oficial nada podia fazer.

E assim começou mais uma etapa de minha vida profissional. São situações como esta que ocorrem na vida de todo

e qualquer militar quando juramos servir ao nosso país. Essa questão foi marcante, afinal também não havia sido voluntário para o contingente anterior, no entanto, quando lá estive, foi muito bom e tive várias experiências que ajudariam a formar opinião sobre como exercer liderança de equipes em uma missão real.

Todavia, nesta nova oportunidade, jamais imaginei a história que estava para ser escrita. Vivenciaria o terremoto que arrasou o Haiti em 12 de janeiro de 2010 e o quanto devemos agradecer o dom de acordar todos os dias com saúde, tendo a oportunidade de fazer as coisas certas, pelos motivos certos e no momento certo. Em minhas reflexões, sempre recordo com muita precisão tudo o que ocorreu durante a chegada ao Haiti, os momentos iniciais, o terremoto e os acontecimentos posteriores. São muitas as histórias e lembranças. Neste relato, narro apenas uma passagem que, para mim e alguns amigos, certamente se tornou inesquecível, por tudo que estive em risco e pela dedicação dos envolvidos. Ao final, foi gratificante.

A PARTIDA

O ano era 2010, e no Correio Aéreo Nacional (CAN), localizado na Ilha do Governador, estavam concentrados familiares e integrantes do primeiro voo do 12º Contingente Militar Brasileiro que atuaria em Porto Príncipe², no Haiti, no período de janeiro a julho de 2010, dentro da Operação Minustah³. Após vários meses nos preparando, finalmente ocorreria a decolagem. A ansiedade estava presente. Ainda faríamos escalas em Brasília, para

1 Mais antiga instituição de nível superior do Brasil, onde são formados oficiais de Marinha.

2 Capital do Haiti.

3 Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti. Teve início em 2004 e permaneceu com um componente militar sob comando do Brasil até 2017.

embarcar um grupo, e em Boa Vista, onde todos dormiriam. Em 11 de janeiro, chegaríamos à capital do Haiti.

No CAN, as famílias se despediam de militares que serviam à Marinha do Brasil (MB), ao Exército Brasileiro (EB) e à Força Aérea Brasileira (FAB). Fotos e filmes registravam diferentes sentimentos nos mais diversos rostos que lá estavam. Sorrisos de alegria ou de nervosismo e lágrimas marcaram aquele momento. Toda despedida é marcante. A minha situação era peculiar, pois meu filho, naquela ocasião, estava com apenas 11 meses de idade.

Todos embarcaram no velho e resiliente KC-137, uma versão militar do Boeing 707 que prestou serviços na aviação brasileira durante longos 27 anos. Motores ligados, todos prontos para a decolagem, e lá dentro, por aquelas janelinhas laterais, sentimos o avião acelerar pela pista do Galeão⁴. Após uma decolagem suave, viria o mar e para trás ficariam o Rio de Janeiro e nossas famílias, que esperavam nos receber após seis meses. Ainda não sabíamos, mas aquela despedida seria mais do que especial.

Fizemos um voo tranquilo e pousamos em Brasília, onde embarcou mais uma parcela de militares, e seguimos para Boa Vista. Pousando nesta cidade, nos deslocamos até a base onde ficaríamos alojados. Após uma breve orientação, saímos para comer. A maioria se encontrou em uma lanchonete, onde o “papo” rolou de forma descontraída. Após o regresso,

o sono demorou a se apresentar. Assuntos não faltavam, e muitos dormiram somente de madrugada, vencidos pelo cansaço.

Naqueles momentos, e eu já tinha esta experiência, começava a se formar um grupo que, ainda não sabíamos, seria marcado pelo sofrimento. Quem já realizou cursos ou atividades operativas desgastantes certamente já escutou a frase: só o sofrimento gera união. Acreditem, isto é a mais pura verdade, e ela se mostraria da forma mais inesperada e terrível em algumas horas.

Na manhã seguinte, pronta e já embarcada, uma centena de brasileiros e brasileiras deixaram o solo de seu país, tendo dentro de si expectativas, esperanças e sonhos. Para mim, e alguns poucos

militares, aquela não seria a primeira vez no Haiti, o que nos dava uma certa tranquilidade. No meu caso, ex-integrante do 8º Contingente, que estive no Haiti entre dezembro de 2007 e julho de 2008, as ruas de Porto

Príncipe ainda faziam parte da minha memória, e, apesar de ainda não saber, isto seria um diferencial para mim.

**Só o sofrimento gera união.
Isto é a mais pura verdade,
e ela se mostraria da forma
mais inesperada e terrível
em algumas horas**

CHEGAMOS A PORTO PRÍNCIPE

Pousamos em Porto Príncipe na manhã do dia 11 de janeiro e, após uma breve reunião, partimos para a Base Administrativa e Logística da Minustah, localizada ao lado do aeroporto, onde faríamos nosso documento de identidade, fundamental para qualquer militar servindo na Organização

4 Aeroporto Internacional Tom Jobim.

das Nações Unidas (ONU). Retornando à Base do Batalhão Brasileiro no Haiti (Brabat), nos alojamos e fomos recebidos por amigos de outras jornadas, e as conversas sobre a missão tiveram início.

Aquele ano seria fundamental para a manutenção da ordem política no Haiti. O país havia alcançado uma desejada estabilidade entre 2004 e 2009, após um período intenso de combates entre as forças militares da Minustah e várias gangues que haviam dominado uma parte da capital haitiana por anos. Elas tinham sido controladas, e seus líderes presos ou mortos, após resistirem aos avanços da Minustah. Naquele momento, reinava uma paz que se mostrava possível de ser mantida. Em fevereiro de 2010 seriam realizadas eleições gerais para presidente e cargos legislativos. No comando da Minustah havia muita esperança de sucesso.

No Brasil, já haviam sido definidas as funções que cada militar exerceria durante a missão, todavia as tarefas seriam recebidas após as primeiras reuniões no Haiti, e assim se fez. Recebi como tarefa geral exercer o monitoramento da segurança feita por nossos militares durante as eleições e tomei conhecimento de que no dia seguinte, 12 de janeiro, à tarde, haveria uma reunião no edifício onde trabalhava o comando civil e militar da Minustah, o Hotel Christopher.

Soubemos também que, na manhã do mesmo dia, alguns integrantes do 12º Contingente integrariam um contingente operativo do 11º Contingente para fazer um cerco e vasculhamento em uma área chamada Bel-Air (Figura 1), bem próxima à sede do governo, o famoso Palácio Presidencial, um prédio fabuloso que foi finalizado em 1918, no estilo do Palácio de Versailles.

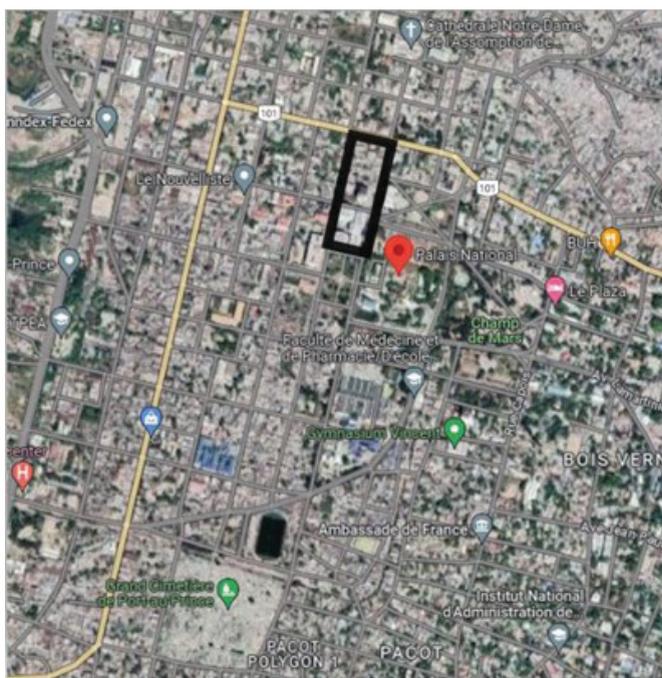


Figura 1 – Cerco próximo ao Palácio do Governo haitiano

Fonte: Google Maps (maio/2023)

Terminado o dia 11 de janeiro, a noite foi marcada por um jantar de recepção, evento já tradicional e que assinala o início da passagem de funções entre os “antigos”, agora chamados de veteranos, e os recém-chegados. Histórias, brincadeiras e sorrisos caracterizavam esse saudoso momento, quando também seriam realizadas as despedidas dos integrantes do segundo voo de retorno do 11^o Contingente, que embarcaria para o Brasil no dia seguinte. Esse voo marcaria a segunda etapa da rendição de contingentes.

UM PESADELO JAMAIS IMAGINADO

O dia nem amanheceu e muitos de nós já estávamos acordados, iniciando a preparação individual para a missão que ocorreria em poucas horas. Pegamos nossos armamentos e ficamos aguardando as ordens. Logo estas chegaram. Seria re-

alizado um cerco em formato de retângulo em uma região do mercado em Bel-Air. Haveria um cerco externo, um interno e buscas. Em todos os destacamentos, ocorreria um trabalho conjunto, e neles estariam presentes destacamentos das forças militares da Minustah, da Unidade de Polícia Formada da ONU (FPU)⁵ e da Polícia Nacional Haitiana (PNH)⁶.

O cerco teve início às 6 horas da manhã do dia 12. O dia estava lindo. Minha posição era permanecer no cerco externo, bem em frente ao Palácio do Governo. No céu, recordo-me, não existiam nuvens e o calor caribenho já se fazia sentir forte. Vários veículos e casas foram vasculhados, mas sem muita efetividade. O número de detidos foi pequeno, muitos por conta de pedidos de prisão já existentes, e pouco material ilícito foi apreendido.

Da minha posição era possível ver o Palácio (Figura 2). Era de uma beleza incrível, em meio a um cenário de conflito



Figura 2 – Palácio do Governo haitiano
Foto: Jacques Volant (nov./2003)

5 Former Police Unit. As FPU têm três funções principais: gestão da ordem pública, proteção do pessoal e das instalações das Nações Unidas e apoio a operações policiais que exigem uma resposta concertada, mas não respondem a ameaças militares. Disponível em: <https://police.un.org/en/formed-police-units-fpus>. Acesso em: 9 maio 2023.

6 A Polícia Nacional haitiana foi fortalecida em 2004, a partir da decisão de se acabar com as Forças Armadas haitianas.

no qual viveu o Haiti durante longos anos. Foi planejado e realizado por Georges Baussan⁷, um reconhecido e famoso arquiteto haitiano. Mesmo com nossa atenção voltada para a missão, era impossível não nos perdermos por infundáveis minutos admirando a imponência daquela obra em estilo francês. Assim permaneci. Eu ainda não sabia, mas o destino estaria preparando um último “suspiro” de vida para aquela maravilha da arquitetura.

Terminada a missão de cerco próximo às 12 horas, horário local, fui orientado a acompanhar o oficial do 11^o Contingente que seria substituído por mim até o comando da Minustah, no Hotel Christopher, onde seria realizada mais uma reunião sobre as eleições que ocorreriam em fevereiro de 2010. Naquela reunião, estariam presentes várias personalidades de importantes setores haitianos que conduziram as eleições, representantes dos candidatos e integrantes da Minustah que auxiliariam na segurança das atividades.

Conheci e apertei a mão de várias pessoas, um momento que jamais esqueci. Terminada a reunião, deixamos a sala no subsolo e saímos para a área externa, onde havia uma ampla piscina e um pequeno bar onde os servidores militares e civis costumavam conversar. Lembro que comprei um refrigerante e, por ser o mais antigo do grupo, decidi pelo nosso retorno imediato à base do Brabat (Figura 3). Saímos do edifício por volta de 15 horas e entramos na base por volta de 15h40, horário local.

Normalmente, nós militares, ao retornarmos à base, fazíamos um procedimento padrão: seguíamos até o contêiner de armamentos/munição, onde este material era entregue aos paioleiros⁸, e depois para nossos próprios alojamentos, onde deixávamos o “tudão” – nosso equipamento, capacete e colete balístico, que pesavam juntos cerca de 15 quilos.

Terminada essa pequena rotina, caminhei até a área onde estavam concentra-



Figura 3 – Área do Batalhão Brasileiro no Haiti (Brabat)
Foto: Miguel Arraya (jul./2020)

7 Disponível em: <http://www.touthaiti.com/dossiers/107-le-palais-national-de-georges-baussan>. Acesso em: 10 maio 2023.

8 Militares responsáveis por receber os armamentos e as munições, mantendo a segurança contínua do local.

dos o comando e as principais seções do Estado-Maior⁹ do Brabat, além de outros destacamentos fundamentais. No setor de operações estavam nos aguardando os encarregados de seção de ambos os contingentes, para que fizéssemos uma apresentação sobre os assuntos tratados na reunião. Após alguns minutos, sentimos algo estranho. Era como se estivéssemos parados em cima de uma esteira em movimento. A mesa na qual eu me apoiava começou a se mover. Apoiei minhas mãos com mais força, olhei ao redor e, neste instante, como em uma fração de segundos, tudo mudaria, não apenas para mim, mas para todos no Haiti.

O material sobre as mesas e nós, que estávamos no local, fomos jogados ao chão sem saber o que teria ocorrido. Ficamos assombrados. Um dos oficiais gritou: “é terremoto!”. Neste instante, ainda sob intensa névoa mental, saímos de dentro do setor para a área externa. Nesta já se encontravam outros militares, e todos, sem exceção, estavam aterrorizados. Sentimos o chão ainda tremendo por alguns poucos segundos e, em um piscar de olhos, tudo parou. Sem saber, naquele momento todos os presentes teriam suas vidas modificadas, e, para alguns, incluindo este fuzileiro naval, começaria uma odisseia de 17 horas.

É TERREMOTO!

Eram exatamente 16h53 do dia 12 de janeiro de 2010. Naquele instante, uma onda de choque de sete graus na Escala

Richter e a apenas 10 km de profundidade arrasou Porto Príncipe. Dentro do Brabat, na Seção de Operações, não entendíamos o que estava ocorrendo. Não tínhamos preparo para aquela situação. No Brasil, não costumamos fazer treinamento para esse tipo de evento, e o contingente não se preparou nesse nível. Ao sair das seções para área externa, todos, sem exceção, nos deparamos com rostos assustados. Uma aura de perplexidade pairava no ambiente. Não se escutavam vozes, apenas cochichos. Minutos depois, alguns começaram a sorrir, um sorriso meio amarelo, cujo significado era: “o que foi isso?”.

Todos estávamos conversando, alguns mais sérios, outros um pouco mais descontraídos, afinal tínhamos vivenciado um terremoto, algo anormal em nosso país. Mas logo alguém avisaria que estava se formando um tsunâmi. Meu Deus! Como assim um tsunâmi? O terror voltaria aos olhos de todos, pois o Brabat estava praticamente ao nível

Olhei ao redor e, neste instante, como em uma fração de segundos, tudo mudaria, não apenas para mim, mas para todos no Haiti

do mar. De uma posição mais alta que existia na base, conseguíamos ver as águas. Logo, não haveria, naquele momento, para onde correr. Um tsunâmi arrasaria com tudo. Novamente, a sensação não foi boa.

Felizmente, e aos poucos, aquele boato, fruto do desespero presente entre todos, se dissipou. Seguimos para outras posições dentro da base, tentando ainda entender tudo o que tinha acontecido e suas consequências. Ao fundo do Brabat havia um pequeno morro, e percebemos que este havia sumido. Ao olharmos na

⁹ Grupo composto por várias seções que assessoravam o comandante do Brabat na tomada de decisões.

direção do mar, havia uma imensa fumaça escura e inúmeros focos de incêndio. Naquele momento, alguns comentaram que o centro de Porto Príncipe, por ter construções bem antigas, devia estar destruído, e inúmeras mortes poderiam ter ocorrido. Logo iríamos começar a ter uma noção mais exata da realidade na própria base.

Começaram a chegar ao portão várias pessoas feridas. Eram de todas as idades – mulheres e homens adultos, idosos e crianças, todos desesperados pedindo algum tipo de ajuda a nós, os brasileiros. A enfermaria entrou em uma frenética atividade jamais imaginada, e seus militares aos poucos começaram a sentir os efeitos da tragédia. Apareciam pessoas mutiladas em todas as partes do corpo. Algumas já estavam mortas quando foram trazidas, outras morreram poucos minutos depois. Um cenário de guerra se estabeleceu dentro da base. Os portões se abriram, sem qualquer tipo de controle, porque naquele momento o mais importante era salvar vidas.

Por não haver mais vagas dentro das enfermarias, vários lençóis, ou qualquer outro tipo de material branco, foram levados para um pequeno estacionamento que havia na parte externa, e os feridos iam sendo colocados e avaliados pelos médicos ou enfermeiros de forma muito semelhante ao que costumávamos ver em filmes de guerra. Em um momento tão difícil, mas com um profissionalismo e uma entrega que eu ainda não havia presenciado na minha vida como militar, os médicos avaliavam aqueles que teriam prioridade no atendimento e outros que, por conta do ferimento, dificilmente sobreviveriam. Quem não é da área de saúde tentava ajudar de alguma forma, até mesmo com palavras, para transmitir confiança, calma e algum tipo de expressão de alívio para aquelas pessoas. Estava sendo terrível para todos.

Os minutos passavam, e dezenas de pessoas ainda entravam na base. O cenário interno começou a se tornar insustentável. Naquele momento, por acaso, formou-se uma roda onde estavam presentes alguns oficiais integrantes do comando do Brabat, entre os quais o comandante e o subcomandante. Durante aquele momento de conversa, soubemos que o segundo voo de troca de contingente estava sobre o Haiti e já se preparando para o pouso. O piloto foi avisado do terremoto e recebeu orientação de seguir para a República Dominicana, onde deveria pousar e aguardar instruções. Como o aeroporto em Porto Príncipe sofreu sérios danos, os pilotos receberam ordens de reabastecer a aeronave e retornar ao Brasil. Este voo retornaria ao Haiti somente 20 dias depois.

Ainda naquela “roda do comando”, algumas orientações começaram a ser disseminadas, no entanto o pior estava para ser conhecido. O comandante do Brabat receberia algumas informações terríveis em pouquíssimo tempo. Primeiramente, ele foi avisado que o Hotel Christopher (Figura 4) havia tombado. Olhares incrédulos eram trocados, pois naquele prédio trabalhavam vários brasileiros e o comandante militar da missão, o Force Commander (FC), na época o também brasileiro General de Brigada Floriano Peixoto. Pouco tempo depois, outro telefonema o informava que o Hotel Montana (Figura 5), edifício onde residiam muitos familiares e funcionários da ONU, também havia tombado. Além destas informações, já tínhamos conhecimento que o Forte Nacional e a Casa Azul, locais onde serviam destacamentos do Brabat, também haviam colapsado. Meu Deus! Um caos mental e momentâneo se instalou. Fiquei incrédulo, pois tinha estado no Christopher até às 15 horas.



Figura 4 – Hotel Christopher (14 de janeiro de 2010)
Foto: AP Photo/ The United Nations, Logan Abassi



Figura 5 – Hotel Montana (13 de janeiro de 2010)
Foto: AP Photo/The United Nations, Logan Abassi

No entanto, naquele momento, mesmo sem ter todas as informações, sem saber se tínhamos perdido brasileiros ou quantas pessoas haitianas ou de outros países haviam falecido, testemunhei que, mesmo sob pressão, um bom preparo profissional faz com que as soluções sejam rapidamente elaboradas. O comandante determinou que três grupos fossem imediatamente formados. Nestes, deveriam estar presentes materiais de engenharia que seriam conduzidos até os locais importantes para nossa missão: o Hotel Christopher (sede da ONU no Haiti), o Forte Nacional (sede de uma

das companhias do Batalhão) e a Casa Azul (sede de um dos pelotões em Cité Soleil).

Por já ter participado de um contingente anterior, quando tive a oportunidade de conhecer cada rua da capital, e por estar no estado-maior e conhecer bastante o terreno, fui voluntário para compor um dos destacamentos. Assim, sendo o oficial mais antigo presente, assumi a responsabilidade de conduzir o grupo que seguiria para a sede da ONU, a tarefa mais difícil que eu tinha recebido até aquele momento.

Sem saber exatamente o que teria ocorrido com nossos militares nos dois

outros lugares (no Forte Nacional e na Casa Azul), começamos a nos preparar para partir rumo ao Hotel Christopher. Tínhamos todo o material de engenharia possível, a vibração de partir para uma importante missão e a esperança de ainda salvar vidas. Saímos exatamente às 18h30, sem saber que viveríamos algo único em nossas vidas.

SAÍMOS DO BRABAT

Saindo da base, havia uma reta de quase 300 metros. Quando passamos pelo portão, naquela reta, ainda víamos inúmeros haitianos caminhando rumo à base. Recebíamos olhares tristes e com um profundo desespero. Ainda não tínhamos chegado à via principal, mas já começávamos a imaginar que algo extraordinário teria acontecido, e isto se confirmou. No final da reta, giramos à esquerda e entramos na via principal. Nesta, começamos a ver de perto um tipo de destruição com o qual não tínhamos contato no nosso dia a dia, e o pior, algo para o qual não tínhamos preparo.

Escolhi seguir o caminho que nos levava ao aeroporto, pois imaginei que estivesse mais tranquilo. Ledo engano. Não havia tranquilidade naquele mar de feridos e mortos. Eram inúmeras as casas e os edifícios destruídos. Alguns carros, ainda com pessoas dentro, estavam parados e sem rumo. O que mais víamos era haitianos “zumbis”, caminhando sem rumo e com o olhar perdido. Até o aeroporto o percurso durava normalmente entre 15 e 20 minutos. Já estávamos havia quase uma hora tentando chegar àquele

local da cidade, mas não conseguíamos. Começamos a perceber que chegar ao objetivo final não seria fácil.

Após nosso pessoal sair das viaturas e abrir caminho “a braço”, finalmente chegamos ao aeroporto. Víamos de perto que as instalações tinham sofrido danos que provocariam o fechamento do local e, em consequência, do espaço aéreo. Depois do aeroporto, chegamos a um local chamado pelos brasileiros de “mãozinhas”. Era um apelido que facilitava nossa localização. Esse apelido tinha sido criado em algum momento da missão por militares brasileiros para uma escultura que tinha como significado “Unidade do Globo” (Figura 6). Deste ponto, seguimos para a Boulevard Jean-Jacques Dessalines (Figura 7), que conhecíamos como Nacional Nr 1. No cruzamento, giramos à esquerda e seguimos para sudoeste. Tentávamos chegar à Route de Delmas, um caminho que normalmente fazíamos quando queríamos seguir para o comando da Minustah.

Tínhamos o material de engenharia, a vibração de partir para uma importante missão e a esperança de ainda salvar vidas

Na avenida Nacional Nr 1, já tendo caído a noite, passamos pela Casa Azul. Tínhamos como tarefa atingir o Christopher, todavia vimos o cenário de destruição e ficamos refletindo sobre os militares que costumavam ocupar aquele prédio. Estariam vivos? Algumas horas mais tarde, saberíamos que naquele local ocorreu a maior perda de militares brasileiros durante todo o decorrer da missão brasileira no Haiti.

Chegamos à Route de Delmas, certamente a estrada mais larga da capital, e concluímos, naquele momento, que não havia qualquer possibilidade de seguirmos



Figura 6 – Escultura em homenagem à Unidade do Globo
Fonte: Andrew Turnbull (out/2018)

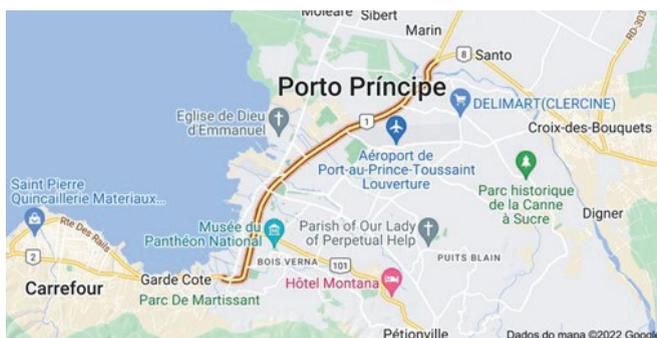


Figura 7 – Boulevard Jean-Jacques Dessalines
Fonte: Google (2023)

pelo caminho que havíamos planejado. Víamos corpos pela rua, prédios destruídos, veículos abandonados e detritos, muitos detritos. Decidi seguir mais para o sul, tentando encontrar alguma rota livre para chegar à sede da ONU. A cada rua, destroços, corpos e pessoas parecendo zumbis. Quando chegamos ao limite da área de responsabilidade ao sul e descobrimos que não tínhamos como passar, decidi retornar até a Route de Delmas.

Logo no início da Route, paramos por causa de um ônibus cruzado no meio da via. Decidi mudar a configuração do comboio. Mandei o trator avançar para permanecer à frente do comboio. O motorista foi orientado sobre o que deveria fazer e

iniciou os trabalhos, que, imagino, tenha sido um dos mais difíceis em sua vida. O primeiro obstáculo físico seria um ônibus. Enquanto o motorista batia no veículo e o empurrava para a lateral, dentro da Land Rover onde eu estava, observávamos um cenário destruidor.

Um haitiano se aproximou e pediu ajuda. O intérprete que nos acompanhava nos disse que ele pedia para ajudarmos as pessoas em uma construção ao lado esquerdo da via. Existiam corpos por todos os lados, inclusive pendurados em algumas áreas externas do pequeno prédio. Pessoalmente, foi um momento bem difícil, pois, mesmo vendo aquela situação, tínhamos uma tarefa: chegar à

sede da ONU, onde várias pessoas, inclusive brasileiros, também precisavam de ajuda. Tive que tomar uma decisão, e, com muito pesar, seguimos em frente com a promessa que voltaríamos depois, o que foi cumprido.

Após o trator retirar o ônibus, outros veículos também tiveram o mesmo destino. O motorista do trator cumpria sua tarefa com precisão, seguíamos em frente, mas com muita dificuldade. O problema é que não existiam apenas postes, fios, veículos e escombros. Também havia pessoas mortas. Inúmeras. O que fazer naquela situação? Não podíamos simplesmente passar por cima. Isto era algo inaceitável. Aquilo seria demais para o estado psicológico do pessoal. Então o motorista foi orientado e agiu com muita calma. Ele teria que tirar os corpos do meio da via e colocá-los nas laterais para que o comboio avançasse sem passar por cima. Assim foi feito, mas nos atrasamos por horas cumprindo essa tarefa.

Chegamos ao final da Route de Delmas e descemos pela Avenida Panamericana. Finalmente estávamos no Christopher. Um caminho que normalmente fazíamos em 40 minutos, levamos cinco horas. Chegamos por volta de 23h30. E ainda não sabíamos o que estava por acontecer.

SEDE DA ONU

Ao chegarmos, pessoalmente tive o primeiro choque. O prédio, que tinha sido construído com formato da letra “U”, de cinco andares e em arquitetura francesa, já não existia. Na parte interior havia uma piscina. Entre a piscina e o prédio, foi construído o bar. Naquele bar eu havia tomado um refrigerante cerca de duas horas antes do terremoto. Olhando agora o cenário à minha frente, o prédio havia tombado para a posição de quem chegava

ao mesmo. Não conseguíamos saber se ainda existiria bar ou piscina. O fato é que ele tinha vindo abaixo. Dentro dos escombros, vários funcionários na ONU estavam presos e, entre estes, alguns brasileiros.

Colocamos o material de engenharia para trabalhar e ficamos observando, pois nada mais podíamos fazer. Sentimos vários tremores ao longo daquele período de espera. Em determinado momento, o tremor foi tão forte que olhamos para uma antena à nossa retaguarda. Ela balançava tanto que todos, sem exceção, ficamos estáticos olhando aquela antena fazendo um pêndulo lento, mas aterrorizante.

Próximo a mim, percebi um oficial-general chileno também atento, mas que, ao mesmo tempo, parecia coordenar a operação de resgate no local. Não o conhecia, pois eu havia chegado há apenas um dia. Soube, um pouco depois, que ele era o subcomandante das Forças Militares da Minustah no Haiti e o mais antigo presente, pois o Force Commander à época, por uma questão de sorte, soubemos que estava nos Estados Unidos e tentava regressar por meio de todas as formas possíveis.

Ponto essa situação porque se ele, o FC, estivesse no Haiti, poderia estar naqueles destroços. Posteriormente, soube que oficial chileno teve perdas no Hotel Montana, onde estava hospedada boa parte dos familiares de funcionários da Minustah. Há que se render uma homenagem àquele militar que, suponho, no momento mais difícil de sua vida, manteve-se no cumprimento do dever.

Uma cena que surpreendeu a muitos de nós que estávamos no Christopher foi o aparecimento de um grupo de cinco americanos que, ao chegar ao local, seguiu para os escombros. Permanecemos parados olhando e tentando entender o que iria acontecer. Eles chegaram até os

escombros e subiram até alcançar o ponto mais alto. Naquele ponto começaram a bater nos escombros. Não entendíamos nada. Ficávamos nos perguntando o que seria aquilo. De repente, e do nada, eles começam a retirar algumas partes quebradas, uma após a outra, e eis que surge uma pessoa de dentro dos escombros. Olhamos aquilo com uma mistura de assombro e alegria. Afinal, como poderiam ter encontrado um americano daquela forma? Mas assim foi feito, e, por uma obra do destino, eu presenciei. Eles passaram próximos à nossa posição, expressando felicidade, todavia muitos outros não tiveram a mesma sorte.

Do contingente brasileiro, alguns militares foram soterrados naquele mesmo prédio. Dos militares do 12º Contingente que chegaram ao Haiti no dia 11 de janeiro e estavam em uma reunião no momento do terremoto, um sobreviveu. Ele teve uma sorte incrível, pois, além de sair sozinho, conseguiu retirar, mediante um esforço sobre-humano, um outro militar, que era integrante do 11º Contingente e que também havia sido soterrado. Já um outro companheiro do 12º Contingente não teve a mesma sorte e, infelizmente, faleceu no local.

Aproveitei este momento para render minhas homenagens a este militar do EB que recebeu a mim e a outros companheiros de outras FA durante o preparo do contingente, ajudando a organizar todo o 12º Contingente, como oficial do Estado-Maior, e faleceu no cumprimento do dever.

A SURPRESA

Permanecemos no local do comando da Minustah para pronto emprego até cerca de 3 horas da madrugada. Não havia mais nada a fazer, e, sabendo que nossa presença seria necessária no Brabat, decidi

retornar. Reunimos o grupo de blindados Urutu, sob comando de um major do EB, e iniciamos a descida pela Avenida John Brown em direção ao centro da cidade. Logo no início se juntaram ao grupo um capitão que trabalharia comigo na Seção de Operações e um sargento. Cerca de 300 metros abaixo do local do Hotel Christopher, um haitiano entrou na frente do comboio gritando descontrolado e apontando para um edifício ao lado da estrada. Nós, brasileiros, não entendíamos nada, mas ele aparentava pedir ajuda. Tínhamos um intérprete, e determinei a este que transmitisse ao haitiano que não faríamos nada e que seguiríamos adiante. No entanto o haitiano não saía da frente dos blindados e não parava de gritar. Olhei para os oficiais e indaguei: “o que esse rapaz quer? E aí, o que vocês acham?”. Eles responderam: “o senhor é o mais antigo”. Pensei por alguns instantes e decidi ver o que estava ocorrendo, até porque intuí que aquele haitiano somente sairia se usássemos a força, e naquela situação talvez não fosse uma boa solução. Orientei para que as viaturas encostassem e liberassem a estrada. A segurança foi estabelecida, saímos do blindado e partimos para o local apontado.

Estávamos em frente a um portão de ferro. Passando por este, havia um caminho de carro que descia por cerca de 20 metros. Da posição onde estávamos, conseguíamos fazer uma leitura imprecisa. À esquerda, logo após o portão, existia uma casa bastante danificada por conta do terremoto. Ao fundo, víamos uma espécie de edifício de cerca de quatro andares que parecia estar prestes a cair. Seguindo o haitiano, entramos com olhos atentos e caminhando a passos curtos. No fim do caminho, após um conjunto de escombros, tínhamos que girar à esquerda e assim fizemos. Ainda atrás do haitiano, sem

exceção, não estávamos com uma boa sensação, pois o caminho que ele fazia nos levaria direto para dentro do edifício, o mesmo que olhando de fora nos passava a impressão que cairia a qualquer momento.

À frente do grupo, parei, ainda incrédulo. Olhei para os outros, e o pensamento que passava na minha cabeça era o de estar colocando todos em risco, um risco que eu tinha assumido. Perguntei a todos: “vamos?”. E eles, com sentimento de soldados, somente balançaram levemente a cabeça fazendo sinal de positivo. Seguimos sem saber o que estava por vir e qual surpresa se apresentaria em breve.

O lugar era um buraco que ficava cada vez pior à medida que entrávamos. Mesmo assim, seguimos em frente e atrás do haitiano. Após alguns minutos, nos deparamos com uma cena improvável. Havia uma mulher com aparência de menina que tinha seu pé esquerdo preso sob um bloco de pedra. Ao nos ver, ela entrou em prantos e começou a chorar compulsivamente, a gritar e pedir ajuda.

O problema é que não entendíamos nada do que ela falava. Notávamos, pelo seu jeito de falar, que ela poderia ser francesa, e isto foi uma surpresa para todos. Ficamos nos olhando e, certamente, havia um pensamento em comum: “o que aquela pessoa estava fazendo ali? Meu Deus!”. Logo em seguida, escutei um “que merda!”. E era mesmo. Sentíamos mais tremores, nosso maior medo. Olhávamos para o teto do local onde estávamos e ficávamos estáticos. Nada podíamos fazer a não ser esperar. O prédio tremia, e é lógico que pensávamos que ele cairia e tudo iria se acabar. Realmente, era uma sensação incomum.

Não sabíamos, mas após um terremoto de grande magnitude, ocorrem muitos outros, na maioria das vezes com menor grau de intensidade. Seria uma espécie de acomodação do terreno que acontece aos poucos. Hoje, tenho absoluta certeza de que fomos abençoados. O tremor parou, e tentamos nos comunicar com a francesa por meio do haitiano, mas este logo saiu do local e nunca mais o vimos. O intérprete não podia sair do local onde estava e manteve-se embarcado na viatura.

A mulher gritava e chorava o tempo todo. Imaginávamos que a dor era terrível, pois ela estava naquela situação havia pelo menos dez horas. Ficamos ali olhando e pensando como poderíamos ajudar. Não tínhamos nenhum material de engenharia, nada. Decidimos tentar puxar o pé

da francesa de forma muito amadora. Todavia, quando o tocávamos, a mulher gritava, e não sabíamos se ela estava nos xingando ou orientando. Decidimos então tentar cavar com nossas próprias mãos ao

redor do pé preso e torcer para que ele saísse. Ficamos nos revezando nesta ação durante um tempo inimaginável, talvez 40, 50 minutos, pois nossos dedos doíam demais. Era sofrível. Um dos oficiais manteve-se tentando tranquilizar a mulher, que repetidas vezes nos olhava com olhos de tristeza, dor e uma aparente raiva quando tocávamos seu pé, mesmo sendo sem querer. No final, desistimos, pois não conseguíamos nenhum avanço positivo.

Enquanto estávamos nessa ação, sentimos vários tremores, e não há pior sensação do que sentir a morte e não poder fazer nada. Quer dizer, podíamos simplesmente

**Ou todos sairíamos vivos
ou todos morreríamos
debaixo daquele edifício.
Abandonar aquela pessoa
não era uma opção**

abandonar aquela pessoa, sair dali e não olhar para trás. Naquele momento, estávamos em trânsito e precisávamos chegar à sede da ONU. Já tínhamos cumprido nossa tarefa e estávamos retornando para a base e sem outras tarefas. Contudo, como ficaríamos psicologicamente abandonando aquela pessoa que ainda estava viva? Decidimos que não faríamos isso. Esta foi nossa decisão. Aquela situação se resumia a uma questão: ou todos sairíamos vivos ou todos morreríamos debaixo daquele edifício. Abandonar aquela pessoa não era uma opção.

Surgiu a ideia de utilizarmos algum material para levantar o bloco. Um dos militares sugeriu usarmos “macacos hidráulicos” e saiu em busca de algum haitiano que porventura estivesse em seu carro por perto. Depois de infindáveis minutos, o militar que saiu com esta tarefa retornou com alguns “macacos” de pequeno porte. Indagamos, por mera curiosidade, como ele teria conseguido, e a resposta não poderia ser outra: “Procurei carros e seus donos, mas só encontrei carros vazios. Não havia ninguém para ajudar, então abri os carros e peguei”. Ou seja, quando a necessidade aperta, a mente flui e as escolhas acontecem com grande rapidez.

Começamos a cavar novamente ao redor do pé e embaixo do bloco de pedra para tentar posicionar um dos “macacos hidráulicos”. O tempo passando, outros tremores acontecendo, e tentávamos levantar aquele bloco de pedra, pois era o que podíamos fazer. Percebíamos que, aos poucos, a mulher perdia suas forças pelo constante sofrimento e pela sensação de que não conseguiríamos tirá-la daquela situação. Tentávamos nos comunicar e, de alguma forma, ela ficava mais calma. Perseveramos e finalmente conseguimos posicionar pelo menos um dos equipamentos. Tentávamos levantar e nada. O

bloco não se movia um centímetro. O desespero começou a tomar conta de todos por acharmos que teríamos que optar por uma ação drástica, puxar o pé à força. Depois de algum tempo, já amanhecendo, tivemos algum progresso e vimos que seria possível. Finalmente, um ar de felicidade tomou conta de todos.

Percebendo que teríamos sucesso e olhando a situação do pé, decidi ir até a sede da Minustah pedir ajuda de um médico do Brabat que se encontrava no local. Sendo de uma antiguidade maior, imaginei que teria mais acesso e conseguiria convencer o médico a abandonar seu local e suas tarefas e seguir-me sem saber o que encontraria. Seria uma corrida pesada para cima de 300 metros com o armamento e o “tudão”. Tudo bem, não havia tempo a perder. Orientei o pessoal sobre o que iria fazer. Todos concordaram, e segui para o Hotel Christopher.

Entretanto, ao sair de dentro do edifício e da área onde este se localizava, percebi que havia somente um carro blindado ainda estacionado na rua. Perguntei ao militar da guarnição onde estavam os outros. A resposta me desapontou e foi um “tiro no peito”. Ele respondeu que haviam retornado ao Brabat, pois alguém teria ordenado. Fiquei por alguns segundos refletindo, literalmente xingando, e fazendo uma pergunta básica para mim mesmo: como poderiam ter abandonado nosso pessoal naquela situação, inclusive sem intérprete? No momento, éramos seis militares sozinhos, três dentro do prédio com a mulher ferida, os dois da guarnição e eu, o mais antigo do grupo. A sensação não foi boa e iria se confirmar um pouco mais à frente.

Bom, não havia tempo para reclamações. Prossegui na busca do médico. Não nego que aquela corrida doeu, e muito, mas acabei por confirmar uma verdade

que sempre é contada: quando a adrenalina está alta, conseguimos fazer coisas que não faríamos em uma situação normal. Chegando à sede da ONU, já clareando, a cena era muito pior. A destruição impactava, especialmente a mim, e muito mais, pois tive o privilégio de ver aquele local antes do terremoto e agora estava presenciando um cenário impagável.

Lembrei novamente de todas as pessoas envolvidas nas eleições, que trabalhavam no subsolo e que, certamente, não conseguiram sair a tempo. Estariam vivas? Era uma pergunta que não saíria da minha cabeça por um bom tempo. Enfim, encontrei o médico e relatei o ocorrido. Ele se prontificou a seguir comigo para a posição. Pegamos o básico para um atendimento de urgência e partimos rumo ao edifício. Chegamos ao local e, para minha surpresa e alegria, a mulher já havia sido retirada. Nosso pessoal tomou a decisão de puxar o pé. Ficaria lesionado, mas era melhor do que abandoná-la ou todos morrerem.

O médico fez o atendimento básico e disse que ela precisaria ser levada a algum hospital rapidamente, pois, pelo tempo que o pé ficou preso, na avaliação dele, ela o perderia. Decidimos levá-la dentro do blindado para deixarmos na sede Administrativa/Logística da ONU, que se localizava ao lado do aeroporto. Naquele local ela poderia ser mais bem atendida e, se fosse o caso, conduzida a algum hospital. Os nossos problemas: estávamos seis militares em apenas um blindado, não tínhamos intérprete, a cidade estava destruída, os haitianos estavam tomados por desespero e raiva, e nós, brasileiros, estávamos fragilizados naquele ambiente

totalmente desfavorável. Para complicar, tínhamos uma mulher de origem francesa ferida dentro do blindado. Ou seja, tinha tudo para dar errado. Para piorar a situação mais ainda, não sabíamos que o trajeto escolhido para nosso retorno mudaria para sempre nossas vidas.

PARTINDO PARA A SEDE LOGÍSTICA DA ONU

Dentro de um blindado do Brasil, seis militares e uma mulher ferida tentavam chegar à base Administrativa/Logística da ONU durante o dia, com a cidade de Porto Príncipe vivendo um completo caos. Não tínhamos muito o que fazer a não ser torcer para que o caminho escolhido estivesse limpo. Lembrando da nossa dificuldade na ida para o Christopher e imaginando que o centro da cidade no entorno do Palácio Nacional estivesse um completo caos, decidi que seguiríamos pela Avenida

Quando a adrenalina está alta, conseguimos fazer coisas que não faríamos em uma situação normal

John Brown e entraríamos à direita na Delmas 32 (Figura 8), um dos caminhos mais rápidos quando voltávamos para a base saindo da sede da ONU.

Descemos a avenida bem lentamente. Dentro da viatura, um dos oficiais permaneceu tentando de todas as formas acalmar a francesa, que chorava bastante, gritava e balbuciava um monte de palavras que não entendíamos. Em pé, olhando a parte externa, íamos eu, o oficial e o sargento que se juntaram ao grupo e os dois militares da guarnição do blindado. O cenário nos mostrava edifícios e casas completamente destruídos e inúmeros mortos ou feridos. Torcíamos para que a Delmas 32 estivesse livre. Ledo engano. Entramos literal-

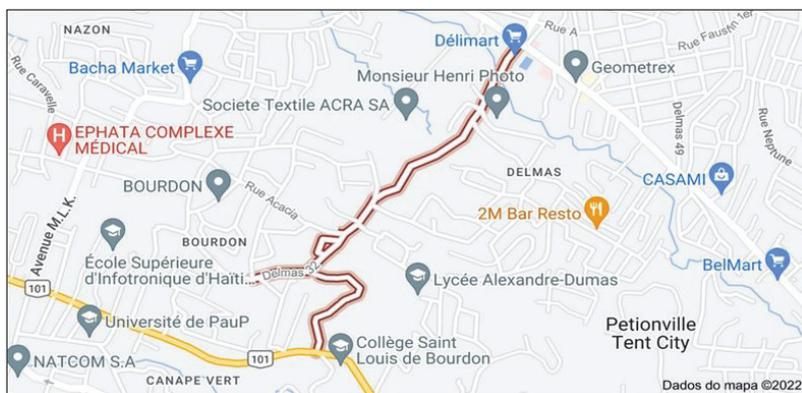


Figura 8 – Delmas 32
Fonte: Google Maps (maio/2023)

mente no inferno. Ao girar a direita e entrar na rua, fomos imediatamente bloqueados por edificações e veículos destruídos. Algumas construções simplesmente tombaram para cima da rua. Com elas caíram postes, fios e corpos, muitos corpos. Alguns ficaram pendurados na parte externa. Era pior que um filme de terror, era o próprio terror à luz do dia.

Ficamos ali parados aguardando que algo ocorresse. Após quase uma hora, havíamos “caminhado” não mais que cem metros. Dentro da viatura, olhávamos para a ferida e percebíamos que ela não estava nada bem. Precisávamos avançar. Sentíamos também que o povo caminhando sem rumo pela rua começava a ficar impaciente com nossa presença. Vários pediam alguma coisa, e não tínhamos qualquer condição de oferecer ajuda. Nada mudava.

Todos estávamos cansados, tensos e preocupados. Era preciso fazer alguma coisa. Então tomei uma decisão: falei com o pessoal que tínhamos que sair do blindado e abrir o caminho “a braço”, pois muito em breve, permanecendo naquela situação, poderíamos ser destroçados por maus elementos, ou até mesmo por parte da população, já que eles nos viam até então

como um poder dentro de sua cidade. Mas, naquela situação, nada podíamos fazer, pois também estávamos vulneráveis.

Ainda dentro do blindado, conversamos rapidamente sobre os riscos envolvidos, sobre as reações e engajamentos que poderiam ocorrer e lembramos que todos deveríamos manter atenção total aos nossos armamentos, pois estaríamos em “campo aberto” e isolados. Seríamos quatro à frente do blindado e deveríamos nos manter em dupla o tempo todo, um sempre cobrindo as costas do outro. Se alguém fosse atacado, teríamos que agir rápido e tentar contornar a situação. E atirar, somente em autodefesa e em uma situação extrema. Todos concordaram, e fomos ao chão, eu, um dos oficiais, o sargento e um dos integrantes da guarnição do blindado.

Fuzis apontados para baixo e pistolas em segurança, iniciamos nossa caminhada. Éramos duas duplas andando na rua à frente do blindado e tentando afastar as pessoas. Logo um veículo impediu nosso movimento. Ficamos ali tentando fazer com que o blindado passasse pelo lado, mas não havia espaço. Então, enquanto um se manteve fazendo nossa “segurança”, os outros três empurravam o veículo

“a braço” para posicioná-lo de uma forma que o blindado pudesse encostar em uma parte das laterais e o veículo liberasse o caminho à força. Após alguns minutos e muita força, conseguimos. Seguimos em frente, gritando “Alez, alez”¹⁰, o que nós, de forma inocente, imaginávamos que seria pedir para sair da frente. Pedíamos, por meio de movimento dos braços, para que as pessoas a pé ou em seus carros, liberassem nossa passagem. Conseguíamos, com muita dificuldade.

Todavia alguns haitianos simplesmente nos ignoravam, e tínhamos que gritar, torcendo para que eles atendessem sem se aborrecer e sem nos “encarar”. Muito devagar, o blindado seguia avançando. No entanto, bem no meio do caminho, justamente na pior parte, após uma pequena descida onde a Delmas 32 entrava em um vale, tudo parou. Era impossível passar. A quantidade de pessoas perambulando iguais a zumbis era enorme, e a quantidade de corpos deixados à beira da rua aumentava.

Tomamos uma difícil decisão, mas necessária: nos afastamos do blindado para chegar ao ponto de interrupção do fluxo. Por que difícil? Se afastar do blindado nos transmitia uma sensação permanente de insegurança. Mas, definitivamente, apesar de não ser a melhor decisão naquela situação, era a única viável.

Não havia o que fazer a não ser seguir até o próximo cruzamento, o qual ficava cerca de 200 metros da posição do blindado, para tentar fazer com que os carros se movessem a partir daquele ponto.

Acreditávamos que, se conseguíssemos desobstruir mais à frente, liberaríamos o trânsito próximo ao blindado. Começamos a caminhar, e alguns haitianos nos encaravam com nítidos olhares de ódio. Não precisávamos ser especialistas em expressão corporal para entender que eles estavam com raiva de nos ver ali sem os ajudar. Chegamos ao cruzamento, e tudo estava parado. Os haitianos que estavam dirigindo simplesmente gritavam uns com os outros, talvez imaginando que gritos resolveriam o problema, mas sem sair dos carros.

Olhávamos sem muita esperança, pois a imagem era desmotivante; entretanto, não nos deixamos abater e começamos a executar a tarefa. Gesticulando com os braços e gritando, íamos posicionando carro por carro, o primeiro um pouquinho para frente, o segundo um pouco para um lado, um terceiro já se posicionou mais para trás, e tudo isso com um objetivo: possibilitar que outros conseguissem passar.

Assim permanecemos, com muitos gritos e força muscular, por um bom tempo. Alguns haitianos entenderam o que fazíamos e passaram a nos ajudar.

Percebemos que não somente a língua da paz, ou do amor, tem a capacidade de solucionar problemas. Em algumas situações, a necessidade também faz milagres. Estávamos exaustos, cada um tentando superar seu próprio limite de resiliência. Depois de longos minutos, conseguimos “desafogar” o trânsito e, aos poucos, vendo o blindado se aproximando da nossa posição, sentimos um alívio indescritível.

Algo nos movia: a alegria de estarmos vivos. O ser humano não conhece seus limites até que seja colocado à mais dura prova

10 Em português, em tradução livre, significa “vá, vá”.

No entanto, mesmo quando o blindado chegou ao cruzamento, permanecemos na rua fazendo os mesmos trabalhos, o mesmo esforço, pois a rua não terminava naquele ponto e faltavam cerca de dois quilômetros até chegarmos à Route de Delmas. Continuamos caminhando, avançando metro por metro. Não víamos a hora de aquele inferno acabar. Já estávamos naquela “maldita” rua, brigando com tudo e todos, fazia mais de três horas. Era um trecho que normalmente fazíamos em 15 minutos. O cansaço era enorme, e queríamos apenas sair vivos daquele lugar.

Finalmente, um pouco depois das 10 horas chegamos ao ponto desejado. Embarcamos no blindado, nos felicitamos e seguimos adiante. Estávamos praticamente sem energia, com fome e sede, mas algo nos movia: a alegria de estarmos vivos. O ser humano não conhece seus limites até que seja colocado na mais dura prova, e, quando ele pensa estar no limite, o seu limite ainda está muito longe de ser atingido. A vontade de sobreviver o obriga a ter alguma reação.

Na Route de Delmas, a destruição, que antes não percebíamos por conta do perío-

do noturno, agora podíamos ver em profundidade e com mais clareza. A palavra que definia aquele momento era tristeza, pois o haitiano, havia anos, já enfrentava um destino de infelicidade. A história do Haiti é marcada por sangue e lágrimas, e, desde que a família Duvalier havia deixado o poder, em 1986, inúmeras gangues assumiram esse “vácuo de mando”. A PNH não entrava em muitos lugares. A população um pouco mais esclarecida havia deixado o país, e a pobreza reinava. Todos esses problemas já existiam, mas, para que o país fosse jogado em mais um período de caos, ainda recebeu de “presente” um terremoto. Triste.

Descendo pela Route de Delmas, entramos na Boulevard Toussaint Louverture (Figura 9), via que nos levaria diretamente às “mãozinhas” e à Base Administrativa/Logística. Ainda assim, tivemos muita dificuldade em passar, pois vários obstáculos se espalhavam pelo caminho. Ao fim, por volta de 11h30, chegamos ao nosso destino.

Entramos na Base Administrativa/Logística da ONU carregando a mulher francesa, mas sem saber com quem falar e onde deixá-la, pois tínhamos o

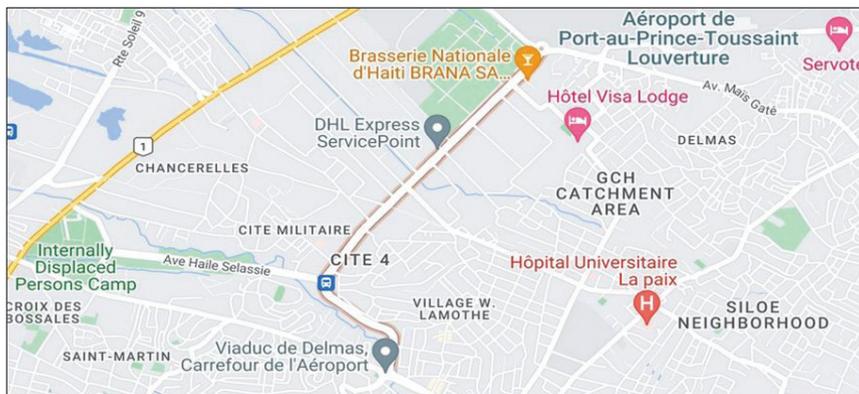


Figura 9 – Boulevard Toussaint Louverture
Fonte: Google Maps (maio/2023)

conhecimento de que na base somente eram aceitos funcionários da ONU. Ignoramos esta orientação, seguimos em frente e nos dirigimos a uma primeira barraca. Ela era imensa e dentro havia sido montada uma área de atendimento de urgência. O cenário era de guerra. Pessoas mutiladas estavam sobre as macas improvisadas por todos os lados, e manchas de sangue marcavam os lençóis. Percebemos que, ao lado desta primeira barraca, havia uma outra, também enorme, para onde pessoas que estavam na primeira, e em melhores condições médicas, eram levadas. Decidimos partir para ela. Entramos com a francesa nos braços e procuramos uma maca ou mesmo um lençol.

Ao encontrar um local, colocamos a mulher em uma maca e finalmente conseguimos um intérprete que possibilitou termos mais informações sobre aquela pessoa. Ela se chamava Ludivine Raimond, era francesa e estava no Haiti como voluntária trabalhando para uma Organização Internacional chamada Fidesco¹¹. Desejamos boa sorte a ela e nos despedimos.

Posteriormente, foi instaurada uma sindicância (Figura 10) para apurar as atividades que ocorreram durante essas 17 horas, principalmente a situação envolvendo a senhorita Ludivine, a fim de constatar a veracidade da ocorrência e os feitos e confirmar se os militares estavam em condições de receber a Medalha do

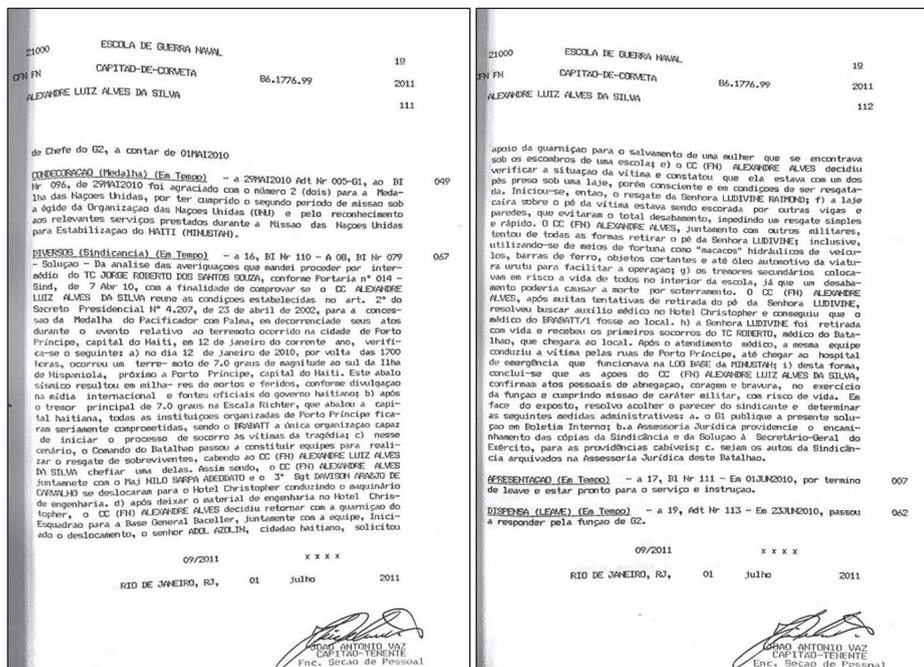


Figura 10 – A Sindicância
Fonte: Arquivos do autor

11 Disponível em: <https://www.fidesco.fr/>. Acesso em: 9 maio 2023.

Pacificador com Palma do EB¹². Ainda em 2022, fiz contato com um dos oficiais do EB que esteve comigo naqueles momentos e soube que somente os militares do EB, por decisão de órgão interno da Força, receberam a Medalha. Fiquei muito feliz por todos.

Em função da sindicância, soubemos que a senhorita Ludivine (Figura 11) havia sido transferida para Martinica, onde permaneceu algum tempo, e depois retornou à França. Em busca recente na internet, encontrei uma entrevista feita com ela para o *site* reussirmavie.net¹³, onde ela conta que, no dia 12 de janeiro de 2010, participava de um treinamento com professores sobre gestão de emoções

no segundo andar de um prédio escolar quando tudo começou a tremer. Ela teria descido as escadas correndo para chegar ao primeiro andar, no entanto não teve sorte, pois um bloco de concreto armado caiu na escada e seu pé inteiro ficou preso embaixo do bloco.

NOTÍCIAS TERRÍVEIS

Ainda não havia terminado nossa missão, e precisávamos chegar ao Brabat. Contudo, ainda na base logística da ONU, tivemos notícias terríveis sobre o ocorrido com brasileiros no Hotel Christopher, no Forte Nacional e na Casa Azul. Soubemos que haviam falecido nestes três lugares



“O terremoto começou às 5 da tarde, e até meia-noite muitos haitianos vieram me animar, mas não podiam fazer nada por mim. E depois da meia-noite, não vi ninguém. Algum tempo depois, meu pé ficou duro, eu só estava tentando mudar de posição, mudar de passo, tentar ficar em pé. Mas o mais difícil é que os tremores continuaram. Às 2 da manhã, houve um grande tremor, e ali eu realmente pensei que ia morrer. E assim durou até as 5 da manhã. Às 5 horas, ouvi algo como o som de um caminhão de lixo. Gritei, mas ninguém me ouviu. Então voltei a ouvir as pessoas e a gritar novamente. Era a ONU brasileira que veio me libertar. Eu tinha aguentado bem até então, mas quando eles chegaram eu apenas chorei e gritei. Eu falava crioulo, e eles portugueses. Tentaram levantar o bloco de concreto com três macacos e uma barra de ferro, mas não deu certo. Então, a solução foi deslizar meu pé muito lentamente e, finalmente, a última maneira foi puxá-lo com uma força incrível. Tive uma fratura exposta, e meu pé estava tão inchado que não dava para ver meu tornozelo. Apesar dos analgésicos, ainda estou com dor. Acima de tudo, sempre consigo colocar as coisas em perspectiva, digo a mim mesmo que tive sorte. Em três segundos, eu estava morrendo...” (RAIMOND, 2013)

Figura 11 – Ludivine Raimond

12 A Medalha do Pacificador com Palma é concedida aos militares e aos civis brasileiros que, em tempo de paz, no exercício de suas funções ou no cumprimento de missões de caráter militar, tenham se distinguido por atos pessoais de abnegação, coragem e bravura, com risco da vida, os quais deverão estar claramente comprovados em sindicância ou inquérito policial militar. Disponível em: <http://www.sgex.eb.mil.br/media/Medilhas/MedPacificador/PortariaMedalhaPacificador.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

13 Disponível em: https://www.reussirmavie.net/Ma-mission-en-Haiti-restera-gravee-dans-ma-chair_a987.html. Acesso em: 9 maio 2023.

nada menos que 19 brasileiros. Alguns com uma história que somente Deus poderia explicar.

No Hotel Christopher morreram cinco brasileiros: dois que trabalhavam no prédio e três que estavam no local para reuniões. Um destes, integrante do meu contingente, havia chegado ao Haiti em 11 de janeiro. No Forte Nacional, faleceram três, sendo dois no mesmo momento em que ocorreu o terremoto; o terceiro faria parte de mais uma triste história, pois teria permanecido preso por mais de oito horas, lúcido e conversando com seus companheiros, os quais olhavam aquela situação e tentavam fazer o que podiam para salvá-lo. Ao final, infelizmente, ele morreria.

A Casa Azul (Figura 12) tinha um destaque especial para os primeiros contingentes brasileiros, principalmente para o 6º Contingente, que realizou sua conquista e ocupação. Era uma posição importante e símbolo dentro de Cité Soleil por ter servido como sede de uma das poderosas gangues que controlavam a região. Nela ocorreu um dos combates mais intensos dos brasileiros no Haiti. Foi uma estupenda conquista no período mais caótico da presença brasileira na capital.

Na verdade, a Casa Azul era um pequeno edifício de três andares, localizado no centro de Cité Soleil, que, naquele momento, era considerada a favela mais perigosa do mundo. Após sua conquista,



Figura 12 – Casa Azul em fevereiro de 2007

Foto: Luciano Pires



Figura 13 – Casa Azul reformada e antes do terremoto em 2010

Foto: Defesamet

mediante intensas trocas de tiro durante vários dias, ele passou por uma pequena reforma quando foi pintado de azul, dando um significado especial à ONU (Figura 13), e se tornou o ponto forte de um pelotão brasileiro que era mantido no local em prontidão. Dessa posição, partiam patrulhas motorizadas para percorrer parte de Cité Soleil. Deste edifício, devido a sua altura, tinha-se total controle sobre essa região.

Pequenas reformas externas foram feitas (Figura 12), mas entre as pinturas nas paredes externas e a parede interna existiam tijolos que foram sistematicamente atingidos por tiros durante os combates. Logo, a estrutura era uma espécie de “queijo suíço” e, apesar de segura para uma convivência no dia a dia, seria impossível que resistisse a um terremoto. Só que jamais imaginávamos que viveríamos essa situação.

Em 12 de janeiro, às 16h53, hora local, parte do pelotão havia acabado de regressar de uma patrulha e estava descansando. Foi uma triste infelicidade, pois naquele momento o edifício não resistiu ao abalo e desmoronou. Dentro dele, aqueles soldados brasileiros emanados de espírito de aventura e brasilidade, já em preparação para retornar ao nosso Brasil em poucos dias, caíram juntos. Onze faleceram, marcando seus nomes para sempre em solo haitiano com o selo da liberdade.

Esses 19 brasileiros chegaram ao Haiti por um ideal de vida e não puderam retornar para seus entes queridos. Precisam ser lembrados e que sempre lhes rendamos justa homenagem, pois em frações de segundo, e sem ter qualquer chance,

não conseguiram se salvar. Seus nomes estarão para sempre no altar da liberdade.

MISSÃO CUMPRIDA

Tristes com as notícias perturbadoras, mas ainda assim firmes depois de um período de intensa atividade, retornamos ao blindado para seguirmos rumo a nossa base. Chegamos por volta de 11h30, exatamente 17 horas após nossa saída. Entrando no Brabat, seguimos a mesma rotina: contêiner de armamento e munição e alojamento para deixar o “tudão”.

Cumpridas essas etapas, finalmente lembrei que desde antes do terremoto não havia conversado com minha família e que certamente todos estariam preocupados. Mas eu estava tão cansado que decidi dormir um pouco. Ao deitar, senti que meu corpo estava estranho. O coração começou a palpitar mais do que o normal. Levantei e percebi que eu não estava bem. Decidi ir para a enfermaria. Lá chegando, vi inúmeros militares sendo atendidos. Eu era apenas mais um.

Uma médica atendeu-me e rapidamente constatou que eu estaria tendo uma espécie de “síndrome de pânico”. Naquele momento, não percebi o que era, mas o fato é que, segundo a médica, a maioria dos militares estava na enfermaria por este motivo. Ela disse que era normal, depois de um evento estressante e uma noite intensa. Fui medicado, tomando uma injeção com relaxante. Não demorou muito e apaguei. Acordei quase oito horas depois e segui para meu Corimec¹⁴, sem entender muito o que estava acontecendo, no entanto eu sabia apenas de uma coisa: nossa missão tinha sido cumprida.

14 Os produtos Corimec foram elogiados por muitas tropas para as mais importantes organizações e missões militares em todo o mundo, incluindo as do Afeganistão, Iraque, Kuwait, Catar, Jordânia, Bósnia e Kosovo. Disponível em: <https://www.corimec.com/projects/sectors/military-49.html>. Acesso em: 21 jun. 2023.

DESCANSAR JAMAIS!

Depois de ter vivido intensos momentos durante aquelas 17 horas, lembrei que estive no Hotel Christopher alguns momentos antes do terremoto. Muitas pessoas que lá trabalhavam faleceram. Por um bom tempo lembrei de muitos daqueles rostos. Quanto a mim, por algum motivo, havia sido abençoado. Normalmente não entendemos alguns acontecimentos que ocorrem em nossas vidas, pois a vida é uma caixinha de surpresas.

Penso que, quando essa caixa é aberta, devemos estar atentos, pois sempre há um ensinamento. Devemos agradecer também e viver com alegria cada minuto, por mais que estejamos cercados por problemas. Nunca saberemos se um abraço, um beijo ou um carinho serão os

últimos gestos trocados com alguém que admiramos ou gostamos. Durante aquelas 17 horas, nós, um pequeno grupo de brasileiros, tivemos experiências para toda uma vida. Jamais imaginávamos viver algo assim e, independentemente do local para onde nossas vidas nos levasse, ficaríamos marcados pela união e por um espírito de lealdade fraterna. Sem dúvidas, eu iria para qualquer combate com aqueles militares, pois nos tornamos irmãos em armas.

**Jamais imaginávamos
viver algo assim e,
independentemente do
local para onde nossas
vidas nos levasse,
ficaríamos marcados pela
união e por um espírito de
lealdade fraterna**

Nossa nova missão estava apenas começando, e, durante o período de seis meses que teríamos pela frente, seriam vivenciadas inúmeras histórias, algumas inusitadas, como a grata oportunidade de conhecer pessoalmente a atriz Angelina Jolie e a cantora Christina Aguilera, que, prestando serviço para a ONU, visitaram o Haiti e permaneceram alojadas dentro da base brasileira, convivendo com nosso pessoal, e, ainda, o ator Sean Penn, que realizou um trabalho voluntário excepcional em Porto Príncipe. Outras experiências não foram tão gratas, como a despedida dos brasileiros que faleceram durante o terremoto e estar presente nas dezenas de campo de refugiados, assistindo de perto a tristeza nos olhos de cada haitiano, idosos, adultos e, principalmente, nas

crianças. Foram momentos impagáveis.

Após esse início tumultuado, mas feliz por ter sobrevivido a uma das maiores catástrofes ocorridas na América, posso dizer que em mim se tornou presente uma percepção diferente de tudo, da vida, pois não tínhamos nos preparados para o que vivemos, mas tínhamos certeza de que havia muito o que fazer.

A fadiga presente não era uma opção. Descansar jamais!

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ÁREA>;Haiti;

<ARTES MILITARES>; Comportamento Operativo;

<FORÇAS ARMADAS>; Missão das Forças Armadas; Missão Humanitária;

<PSICOSSOCIAL>; Ajuda humanitária;

<RELAÇÕES INTERNACIONAIS>; Missão de Paz; ONU;